

Lucia Fonseca

CADERNOS
DE
GEOGRAFIA

Poesia

MITAVAI

editora livraria
centro cultural
brasileiro

NOS DOMÍNIOS DO ARTESANAL

Há um poema de Lucia Fonseca intitulado *Poema entrelaçado* (em *As terras*, parte I, deste) que põe em confronto tragicamente harmonioso (!) o “dormiremos em leito de plumas / após os vinhos claros em altos copos, / veludos corridos sobre todos os gestos” e o “Mas deram muita porrada e levaram no camburão. / E tinha só dezessete anos”.

Se dividirmos estruturalmente o trabalho de Lucia em fragmentos, núcleos, resultarão enumerações temáticas caóticas. Isto é, surpreendente homogeneidade advinda do heterogêneo; em princípio, até opostos. Este jogo, de contradições e oximoros da própria existência, compõe, afinal, a intensa força dialética da poesia de Lucia. Em que o patético resulta desse “leito de plumas” idealizado, e possível, convivendo com o pivete massacrado: Em última instância, o próprio conceito-hoje de Arte. O que exige, portanto, uma, cada vez maior, consciência artesanal de quem escreve.

E Lucia carrega, forte, tal consciência. Não hesito em colocar sua produção entre o que de melhor se fez em poesia no Brasil pós-22. E muito principalmente porque atualíssima, sugerindo, fundando, perspectivas.

Ivan Cavalcanti Proença

CADERNOS DE GEOGRAFIA

RESPEITE O DIREITO AUTURAL
100 ANOS
CONVENÇÃO
DE BERNA
1886-1986
ESTIMULE A CRIATIVIDADE

(FOTO)

Lucia Fonseca

CADERNOS DE GEOGRAFIA

Menção Especial
Prêmio Guararapes, 1984

MITAVAI

editora livraria
centro cultural
brasileiro

Copyright © 1985 by Lucia Fonseca

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA E LIVRARIA MITAVAI LTDA.,
Rua da Matriz, 89 – Botafogo – CEP 22.260
Rio de Janeiro – RJ
Printed in Brazil – Impresso no Brasil

Revisão: Damião Nascimento
Foto: Alair Gomes

CENTRO CULTURAL BRASILEIRO
EDITORA E LIVRARIA MITAVAI

Diretor Editorial e Cultural:
Ivan Cavalcanti Proença

Diretoria
Presidente: Clair de Mattos Santos
Vice-Presidente: Maria Helena Horta de Alvarenga

Conselho Editorial e Cultural:
Ivan Cavalcanti Proença (Coordenador)
Clair de Mattos Santos
Assessora: Isis Maria Balter Proença

Conselho Consultivo:
Délio Aloísio de Mattos Santos
Nelson Mello e Souza
Simon Weglinski

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

F744c Fonseca, Lucia Garcia da
Cadernos de geografia / Lucia Fonseca – Rio
de Janeiro: Mitavaí, 1985.

Bibliografia.

1. Literatura brasileira – Poesia. I Título.
85-1075 CDD – 869.915

para minha mãe

NOTA DA EDITORA

A Autora, Lucia Fonseca, nos enviou este texto para a Nota que deve conter os dados biobibliográficos da poeta. Literatura que é, também, mantivemos na íntegra.

Década de quarenta. Ipanema toda de casas, terrenos baldios cheios de mato. No fundo da Alberto de Campos, uma chácara. Outra no bar Vinte. Que frequentávamos para comprar plantas.

Bondes cortando uma Visconde de Pirajá de paralelepípedos. A carrocinha apanhava os cachorros vadios. Padeiro, leiteiro, carteiro. Todos conhecidos. Durante a guerra, *Black-out* e racionamento de manteiga. Vaca-leiteira, carros com gasogênio.

Vieira Souto: uma praia igual às outras. Cheia de conchas, tatuís, sarnambis. A rua de casas, o luxo veio depois. Por ironia, junto com a poluição. Arrastão puxado de manhã cedo e à noitinha. Gaivotas à volta do barco, todo mundo ajudando. Quando a rede vinha cheia, ganhávamos algum peixinho.

Pescávamos também na Lagoa, qualquer pedaço de linha servia. Anzol-mosquito, isca de pão. Ou um vidro de boca larga para apanhar girinos e peixes miúdos. Criados depois no aquário da escola. Maré cheia, maré vazante, água entrando, água saindo, a Lagoa respirava pelo canal. No tempo da desova das tainhas, entravam em cardumes. Nunca esqueci sua passagem. E as praças. Subir no colo das estátuas, tatear os rostos de bronze.

Aula de piano, de balé, vestido de organdi – picicava no pescoço – matinês de domingo no Metro, no Astória, no Ipanema, no Pirajá. Fita em série, Gordo e Magro, Red Skelton, Bob Hope. E Esther Williams, Frank Sinatra, Gene Kelly,

Elizabeth Taylor, Spencer Tracy, Katherine Hepburn, Cary Grant, Ava Gardner, James Stewart. William Holden, Doris Day, James Dean (mas aí já entramos nos anos cinquenta).

Cinema era mesmo Hollywood. Dos movimentos paralelos ou posteriores, *nouvelle vague*, cinema italiano, ouvia falar vagamente, nunca soube o que eram. Rossellini era aquele cara que tinha fugido com a Ingrid Bergman.

Cinema Novo, Fellini, Visconti, cinema de diretor, já me pegaram casada, cuidando de filho. Não vi quase nada. Isso mesmo: saí da infância direto para o altar. Dezoito anos, com cara de doze. (Menina quase, o primeiro filho. A coisa mais difícil da minha vida foi ser mãe aos vinte anos. A segunda, aprender a dirigir.)

Minha mãe era funcionária pública, o pai, atuariário. Fazia contas de cabeça e sabia o nome das estrelas. Em casa, ouvi falar em Darwin, seleção natural, genes, fósseis, múmias, muito antes das outras crianças. E via livros com figuras de dinossauros. As conversas com o pai e o avô, mais o gosto pela leitura, abriram caminhos de curiosidade intelectual. Afetivamente, em matéria de experiência de vida, despreparo, cretinice absoluta. E uma coisa acaba afetando a outra. Sempre digo que usei vestido de organdi e toquei *Pour Élise* ao piano. E que não se fazem essas coisas impunemente. Não sabia o que andava pelo mundo, nada sobre artes plásticas, correntes filosóficas, autores importantes. Só lia livros selecionados por minha mãe. Devia pensar as coisas selecionadas por ela também. As lacunas ficaram até bem mais tarde; muitas até hoje.

Início de carreira científica. Gostava de bichos, filmes sobre a natureza. Queria estudar a vida, fui cursar História Natural. (Como se a vida pudesse ser apreendida pelo racional. Talvez aos pedaços, sim. Pedaços maiores por cabeças maiores. Em geral, pedacinhos muito pequenos. De qualquer forma, não seria a minha abordagem.) Bichos dissecados sempre me deixaram triste e decepcionada. Diante daquele monte de sangue e tripas, pena, repulsa e a certeza de que o essencial se perdera. A mesma coisa da primeira vez que li uma separata. Custei um pouco a admitir o óbvio: achava chato.

A vida mesmo estava nos livros, que nunca deixei de ler. Nos poetas. Que descobri aos vinte e oito anos.

Fernando Pessoa, Cecília, Drummond, Bandeira, Rilke, García Lorca, Neruda. Para citar apenas os primeiros. Kafka, psicanálise, Erich Fromm. Reconheci logo essa pátria autêntica, inaugurei uma nova família, enraizei-me.

De lá para cá, enchendo os buracos: Machado de Assis, Eça de Queiroz, Proust, ao menos o mais importante de alguns clássicos. De lá para cá, muito trabalho (sempre menos do que eu gostaria). Um prêmio (Emílio Moura, 1980), seleção para uma antologia que nunca saiu (Editora Fontana, que acabou), uma menção honrosa e uma especial (Guararapes, 1984), três livros publicados (*Invenções do silêncio*, José Olympio, 1980; *Rede fluvial*, José Olympio, 1983; agora este, pela Mitavaí). E o medo de estar publicando bobagens que não interessem a ninguém.

Tão pouco. E tanto ainda por fazer!

NOSSO MITAVAI ENTREVISTA LUCIA FONSECA

Mitavaí – A primeira aproximação com a literatura. Como se deu?

Lucia – A primeira mesmo foi na infância. Até os seis ou sete anos, liam para mim. A partir daí, fiquei autossuficiente. Sempre li muito. Numas férias no interior de São Paulo, devia ter uns nove anos, subia numa enorme figueira e ficava recostada num galho grosso, lendo. Horas e horas. Nunca deixei de ler.

Tive diários, cadernos de pensamentos, e isso era já um exercício literário. Depois, abandonei-os, andei por caminhos errados. E só voltei, não sei bem como, perto dos trinta.

Embora lamente ter começado tarde, não deixo de pensar com alegria na força de uma vocação que leva anos represada mas acaba por se manifestar. Apesar de tantas resistências contrárias (repressões internas, censuras). É como a água. Dá voltas e voltas, contorna obstáculos, acaba achando um caminho próprio.

Mitavaí – Que pensa você do, digamos, Brasil cultural, que acompanhou sua própria trajetória literária?

Lucia – Sob certos aspectos, penso muito mal. Comecei a escrever há cerca de quinze anos. Nesse período, é até falta de imaginação insistir, as iniciativas artísticas e culturais sofreram não só a falta de incentivo, como foram sufocadas por processos mais ou menos diretos e violentos de intimidação. A evasão de artistas e cientistas nas épocas de maior repressão é sintomática.

Agora, de uma perspectiva mais ampla, é preciso não colocar toda a responsabilidade nesses vinte anos. Afinal, somos um país do Terceiro Mundo. Que incorporou a cultura ocidental há muito pouco tempo e de uma forma limitada. Falta lastro, falta memória. Se pensarmos no que existe no país em matéria, por exemplo, de orquestras, museus, livrarias...Tudo muito pouco, em meia dúzia de capitais. E o interior?

Por outro lado, graças talvez às raízes africanas e em menor escala, indígenas, temos essa riqueza de ritmos, de música, essa exuberância tropical, essa preguiça de sol, praia e coqueiro (desculpem o lugar-comum). Que não deixam de ser, talvez, formas de sensualidade e alegria de viver. Não é à toa que, apesar dos pesares, a literatura da América Latina explodiu (via Europa e Estados Unidos, não custa lembrar). É possível imaginar um Gabriel García Márquez ou um Guimarães Rosa europeus?

Mitavá – O Brasil que se espera, com os novos tempos que se supõe estejam chegando. Fale um pouco sobre isso.

Lucia – Espero tempos melhores, mas não tenho ilusões quanto a mudanças muito rápidas. Um certo florescimento imediato é até provável, como o de um campo seco após a primeira chuva. Brotam as sementes que estavam à flor da terra, aguardando um mínimo de condições. Mas as que morreram, as que o vento levou para longe? Construir é sempre mais demorado que destruir.

Depois, como acabo de comentar, acho que o problema é mais profundo e mais antigo. Existe ainda o terrível desafio do crescimento explosivo da população. Como tirar a defasagem de todos esses anos de atraso, atendendo ao mesmo tempo a uma demanda tão crescente no campo da educação, da saúde e da cultura? Realmente não sei a resposta.

ASSINATURA

*Eu me chamava Lucia Brasileiro Madeira
antes que o casamento viesse
mudar meu nome.*

*Eu me chamava Lucia Brasileiro Madeira
antes de receber a aliança
no dedo anular.*

*Antes que minhas mãos dispusessem talheres e flores
sobre a toalha rendada, entre cristais.*

*Mas passei a assinar Lucia Garcia da Fonseca,
com uma caneta de ouro,
frente a testemunhas e padrinhos.*

*Sobre cheques, certidões, escrituras.
E mesmo abaixo dos meus versos.*

*Eu me chamava Lucia Brasileiro Madeira
ao tempo em que a terra era ainda uma bola de fogo,
quando se abriam fendas na crosta do planeta
e continentes inteiros soçobravam.*

*Depois tudo se aquietou
e ventos alisaram as horas do meu rosto.*

*Decidi assinar Lucia Garcia da Fonseca
e parir filhos e criar uma família.*

Decidi assinar Lucia Garcia da Fonseca, esposa legítima,

*antes mesmo de conhecer a geografia dos corpos.
Não sabia de desertos nem de abismos.
Tampouco dessa trama sutil de igarapés,
do olho-d'água brotando entre as pedras
no bosque umbroso, além do espinheiro.
Hoje assino Lucia Garcia da Fonseca
e súbitos afloram continentes submersos,
súbitas, as ilhas de meiguice
e os oceanos amargos.
Passa um vento de segredos no silêncio,
elevam-se montanhas de medo,
abrem-se clareiras de pasmo*

em torno dos rios azuis da minha assinatura.

CADERNOS DE GEOGRAFIA

OCEANOS

AS TERRAS

Parte I

Parte II

IGARAPÉS

OLHO-D'ÁGUA

OCEANOS

I

Um último corpo vem dar à praia.
Carne lunar de peixe,
carne branca de afogado.
Um último brilho me acorda nessa noite
onde embarquei no vento de um presságio.
Um último corpo vem dar à praia.
E traz-me das ondas o cheiro da água – fechado
[segredo.

Golfinho branco, na carne alva
traz mortas relíquias, traz versos calmos,
traz versos mudos, veladas frases.
Miro seus olhos antigos cheios de algas,
miro seus olhos fechados cheios de luas guardadas,
onde se movem dois peixes claros.
Sob a pele sem prega, lisa,
que risos em sal dissolvera,
que sonho abrigara,
que amor se perdera, que ouro guardara?

II

Pelos olhos da noite,
penetrava o seu interior.
E era negra vertigem,
os peixes se movendo pelo capinzal,
os olhos afogados em sucessivos planos.
E sorria para dentro. E pensava angústias.
E me embalava em diferentes camadas de mim.

Por certo, em algum lugar, um cavalo com crinas
[de lua
rasgaria sua trilha no escuro.
E galoparia sem necessidade ou explicação,
por puro abismo de sangue.

Aqui e além, cruzavam-se os Expressos da Noite,
fantasmas iluminados.
Traziam na testa o destino escrito,
no rosto, um farol estrelado.

III

O vento soprava, soprava,
deixando a alma limpa de folhas,
deixando os olhos cheios de cisco.
O vento soprava, soprava,
descobrimdo o rosto liso do espanto.
Folhas farfalhavam no chão varrendo a poeira
e uma clareira foi-se abrindo no peito
– pingo de limão no chá, caverna de luz
que pouco a pouco se alastra.
O vento foi limpando a alma, foi limpando as
[feridas,
criando um deserto cintilante de medo e pasmo,
deixando uns ossos claros e lisos – marfim.
E durante a noite,
entre ramagens de insônia,
grandes olhos boiaram abertos, abertos,
procurando escutar o vento.

IV

A noite se dilatava e abraçava o mar.
No fundo, estrelas e corais eram mortos.
E seu corpo ia sendo desgastado e polido em moinho de sal.

Eu vi quando a onda se formou.
O horizonte estava liso.
Mas a água se agitou
– talvez percorresse os peixes um vago arrepio –
quando pressenti a muralha de vidro e pasmo.
Vinha empurrando o centro
e quando atingiu a praia
foi para desenrolar sua lassidão na areia morna,
para afogar-se no chão que a bebia,
e deixar um leve recado numas conchas bordadas
[de espuma.

Nenhuma pérola desaguou nesse seu pranto raso.
As pérolas jaziam no fundo.
Lá, onde a noite se continuava em água,
os peixes imóveis no bojo do instante,
e sobre o mar se liquefaziam indecisas estrelas
[de ouro.

V

Para Helena Jobim

No verde dos teus olhos abertos,
os hipocampos se ficam imóveis,
as caudas enroladas em corais
de um universo lento.

Lentos, os hipocampos se movem
e desenrolam as caudas,
que envolvem, coleando, algas azuis
embalando silêncios.

No verde sombrio e manso dos teus olhos,
silenciosos, os hipocampos copulam
banhados na cor atônita de vitral.

Sombras velozes invadem os teus olhos
e neles engolem peixes.
Tuas pupilas sorvem negro e se contraem.

VI

A noite vai tão fechada
e os nossos olhos tão densos,
que mesmo de madrugada
nos perdemos.

O barco vai tão sozinho
e a agulha tão oscilante,
que mesmo sonhando ilhas
desanimamos.

VII

É tão de noite, cai a bruma
por charnecas e condados
de uma Inglaterra distante.
Que fomos, o que perdemos
em outrora e instante?
Desce a noite sobre nós
e um coaxar de rãs
vai dividindo as águas.
Infâncias olvidadas,
meninices esquecidas,
marulhar de espumas
em ilhas de pensamento
em nevoeiro afogadas.
Quem somos, o que perdemos
em presentes abortados,
promessas de futuros
caídos em aléns,
livros perdidos
atrás de estantes
empoeiradas?

VIII – RETRATO EM MOLDURA OVAL

Juliana, onde andarão tuas pupilas
viajando pelo tempo como dois faróis?
O sono alaga o pensamento, o sono
é mancha que se alarga, que se alastra
Juliana.

Onde andarão teus olhos rasos
à tona de um domingo
aflorado do tempo
de Júlias e Marianas?
E a mesa, com a faiança inglesa,
a escada, a claraboia,
os anjos de porcelana.
Teus cabelos pretos ondulados,
as escovas de prata na penteadeira.
E esse veludo de cílios
velando o olhar.

Penumbra de buço,
penumbra de púbis
entre as coxas brancas,
sob a *lingerie* de holanda.
Onde andarão teus olhos belos
Juliana?

IX

Eis a chave
dos nossos reinos perdidos.
Quem escuta atrás da porta,
quem sussurra, quem suspira?
Eis a chave.

Eis a chave
dos nossos desertos,
de corredores vazios,
de portões rangendo abertos.

Eis a chave, o passe, a senha
para reinos muito antigos,
para planetas alheios
girando pelo universo
sem humano compromisso.

A chave que leva ao rosto
dessas mulheres de outrora,

que nos olham das paredes
dentro e negras molduras,
os vestidos afogados
da viuvez prematura,
os amantes escondidos
em veludos de recato,
sob chapéus, véus e fumos.

Eis a chave.

Cofres de anéis e de cartas,
os grandes olhos abertos,
febres, angústias, vigílias,
os desgovernos humanos
pelos caminhos desertos.

Eis a chave,
a senha, o rosto,
eis o amigo e o inimigo.
Segredos de fechaduras
perdidas.

X – PAISAGENS

Por entre a moça sentada
e sua imagem no espelho
passa um cardume de peixes,
um cardume transparente
entre seus olhos e o espelho.

Além da moça, a janela,
no aquário azul, um planeta,
e a noite já vem caindo
escorrendo seus segredos.

No céu, Vésper afogada,
a moça imersa no espelho,
os peixes que passam passam
embaraçam seus cabelos,
enleiam seus pensamentos.
E agora a noite caiu,
caiu de repente uma estrela.
E a moça imersa no espelho
segue escovando os cabelos.

XI – NOTURNO

De madrugada refiz os passos
por esse aéreo quarteirão.
Nas lojas vazias olhei vitrines,
mirei meu rosto em espelhos cinza.
Do fundo das sombras veio uma sombra
e disse o preço de cada instante.
Voltou-se em silêncio de olhos fechados
levando consigo a balança e os pesos.

Em Pompeia comprei dois litros de azeite,
enchi a ânfora com vinho escuro
e o vaso de barro com grãos de trigo.
Em Atenas antiga, o mel e os figos,
em Babilônia, os brincos pingentes,
em Susa, as gazes vindas do leste,
incensos, bálsamos, cosméticos
para a temporada dos festivais.

De madrugada refiz os passos
por intrincadas galerias.

De dentro das tendas chegavam sombras,
iam e vinham, cegas, caladas
e expunham cada mercadoria.
De novo e de novo refiz os passos,
virei as esquinas da noite alta
levando comigo o ouro e a prata,
buscando a casa dos Anjos Dúbios.
Mas a morada longe buscada
era campo raso.
Sentada na rua de grandes pedras
chorei minha sorte.

E o único bem que na verdade eu quis
– joia perfeita oculta no peito,
instante guardado em redoma de vidro –
levaram embora, levaram embora
para nunca mais.

XII

Na esquina da Noite com o Dia,
andava – perdi meu passo,
cantava – perdi o compasso,
e hoje em pedra transmutada,
em rua de espera e sombra,
guardo o fluir do sonho.

Não posso cantar agora
o que cantar eu queria.
Nem mesmo chorar eu posso,
de encontro a negras muralhas
cresce o meu pranto sombrio,
pois o instante está suspenso
como brancas mãos de estátua
ou como barca parada
na crista da vaga imensa.

Preciso esperar um dia
que gere ritmo de canto,

ou esperar pela noite
que possa acolher meu pranto,
transformar em morna lágrima
esse mar de indiferença.

Na esquina da Noite com o Dia
– na esquina da face perdida,
parei.

Deixei um anjo suspenso.

AS TERRAS

Parte I

I – LAGOA RODRIGO DE FREITAS

Toda a noite o vento rosnou,
trabalhou oficinas de lodo,
remexeu os intestinos dos peixes.

Toda a noite as mãos do vento
tramaram algas e águas
e teceram essa rede de miasmas.

Agora o dia está assim:
ardendo baço,
as folhas lambendo a poeira
pelas calçadas,
as árvores de braços tortos,
galhos caídos amarfanhados.

A cidade apresenta uma face devastada,
o sol a custo aparece para mostrar um riso mau
sobre a pele metálica da lagoa enlouquecida.

O cheiro de gás vai baixando, vai baixando,
invade todas as casas, apaga todas as luzes,
e abraça a cidade em adeus.

II – FIGO

Pela abertura os insetos te penetram.
E frequentam teus jardins.
Estames e pistilos de carne rosada,
caverna vegetal e fresca,
corais submersos no escuro
da tua casca,
jardim de murano rosado,
vergel dentro de um estojo.
Floração de paineira em mínima redoma,
sorriso interno,
timidez, surdina,
ternura excessiva
escondida dos olhos.

No pátio interno,
o menestrel toca alaúde
junto ao poço.

III – CABERNET

O vinho mediterrâneo
pousa no meu lábio mudo
o sabor acre do estio
acumulado nas uvas.

Teu calor meridiano
depõe no meu lábio turvo
um prazer intenso e lasso
cheirando a terra na chuva.

O calor acre do estio,
a terra cheirando a chuva,
vales plantados de vinhas
sob o sol mediterrâneo.
O copo denso de vinho
o sumo vermelho escuro,
o sabor certo e macio,
a espera em meu lábio curvo

do turvo rodamoinho
trescalando áspero odor
mesclado ao sabor das uvas:
mediterrâneo, teu vinho,
teu calor – meridiano.

IV – VALIUM 5

O comprimido vai-se dissolvendo,
doce neblinas rosadas
por lagos densos.

O comprimido vai-se dissolvendo.
Encontraremos o sono
nas margens do pensamento,
por alamedas vazias,
por brumas e madrugadas
e bosques lentos.

V – TECNOLOGIA

Silêncio: foi um gato
ou meu relógio de quartzo?

VI – DECLARAÇÃO DE RENDA

É preciso o CPF do inventariante.
O CPF do morto é dispensável.
É preciso o comprovante de renda
dos quinze dias que passou entre nós.

Na caixa de papéis,
a carteira de identidade, o título de eleitor,
a carteira de trabalho, de reservista, de motorista,
sobreviventes e horizontais,
multiplicados em Xerox,
ainda uma vez nos olham.

Não é difícil fazer a declaração de renda
do espólio:
desenterra-se o morto
para enterrá-lo
uma vez mais.

VII – COTIDIANO LÍRICO

Entre o acordar e o dormir,
tem as horas de trabalho.
No mais, todos os momentos são meus.
Estar viva é quase sempre bom
e entre assaltos e boleros
por que será que a gente sofre tanto?
Mas agora quero mesmo é um riso fresco
sem cuidado de dentes e pivô.
Na rua enfumaçada
a igreja é caiada de azul-celeste.

VIII – DIA SEGUINTE

E acordo da noite de autógrafos
vazia como as conchas na prateleira.
Só agora sei em boca e dentes
o que pensava saber atrás dos olhos:
que não era meta, estação final,
mas ponto de parada
ultrapassado, esquecido.
E acordo da noite de autógrafos,
levanto catando o chinelo,
batendo na mesma quina de mesa,
com o livro por distribuir
e todas as vitrines cegas.

Como era mesmo a história de Cinderela?
Assim: acordando entre abóboras e ratos,
órfã do pai morto e do improvável.

IX – SEPARAÇÃO

E nos acercamos da dor devagar
com patas de lã.

Devagar acordamos,
a custo vamos tirando
essa terra de sobre o peito,
esse sal dos olhos.

Uma a uma, sacamos as máscaras brilhantes:
a de sacerdote, a de profeta, a de guerreiro
– elmo, escudo, armadura –
e as plumas da dança de combate.

Devagar, olhamos em volta.

Estamos nus e com frio.

O dia é claro, mas antes
– vamos recordando aos poucos –
era noite de lua.

E devagar voltamos o rosto,
centímetro a centímetro,
num arco,

o olhar enviesado.

Até olharmos de frente a verdade.

X – SEMPRE

As badaladas do relógio na casa deserta.
A manhã despontando na sala onde foi o velório.
A primeira menstruação escorrendo entre as
[pernas.

Nunca mais é o que se recebe de olhos abertos
e que o pescoço mal sustenta sem se vergar.
No hospital o leito ficou mais branco, esticado,
[vazio.

Os vinte anos ficaram para trás
junto com tudo o que não foi
e que acalentamos como ainda-sonhos
lado a lado com o que somos de real.

E essa despedida diária
de nós mesmos.

XI –PSICANÁLISE

Decifra-se a vida
olhando pelo outro lado.
Do lado de cá
a vida vivida
não deve ser decifrada.
Decifra-se a vida
olhando pelo outro lado.
Moinho de tempo tão simples,
quem o torna complicado?
São lençóis de linho branco,
acompanhai seus bordados.
Os nós, as laçadas,
do lado do avesso,
deixai-os às bordadeiras,
deixai-os ao outro lado.

XII – SÉCULO XX

A máquina estéril: papel em branco, letras
[esparsas.
Ponto de interrogação, vírgula, reticências.
O tédio e a covardia da vida.

Com esquadro e compasso
traçamos o plano
do nosso miúdo gozo.
Cobertor e comprimido
mascaram a falta.

Ao tempo dos gregos e romanos
a vida seria mais trágica,
mais concentrada porém,
mais entranhada nas vísceras.
Morrer cedo, talvez, viver definitivo.
Ganhamos garantia de sobrevida,
eternos adolescentes,
peritos no adiamento,

moradores do provisório,
escravos de penicilina, plástico, fita adesiva.
Mais fortes no corpo,
anêmicos em alma.

Analista todos os dias,
somos bebês importados,
que pagaram a taxa de importação
com direito a mamadeiras cheias,
estrangeiros embora – para isso não há remédio.
Com os impostos em dia,
merecemos cinema,
um metro quadrado de felicidade,
um caixão de espuma de poliuretano.

XIII – POEMA ENTRELAÇADO

*E dormiremos de mãos dadas
entre sedas, mármore e cristais,
no leito alto de madeira escura.*

Os ônibus passam cheios.
Presta atenção na carteira
nos bancos de trás.

*Dormiremos lado a lado,
minha mão sobre teu ventre
semeando esculturas.
Sob luzes surdinadas.*

Cuidado com os pivetes.
Menino não sai de relógio
ou com muito dinheiro.

*Dormiremos de mãos dadas,
e se os reposteiros se abrirem,
as luzes de néon varrerão nossos corpos*

– vermelho azul branco vermelho –
e deles farão jorrar fontes.
(Além, um farol varre a noite
e a maresia pode impregnar certos sonhos...)
Dormiremos, dormiremos.

Um salário mínimo não dá para viver.
E esse pessoal vem do subúrbio,
esquenta marmitta
e é sempre tanto filho pra criar...

*Dormiremos, dormiremos
com as sombras das samambaias enleadas nos cabelos
e luas transitando opalas sobre as pálpebras fechadas,
a ramagem breve das avencas entre os dedos.
(E o bosque tramado de acúleos,
o riacho gorgolejando entre as pedras,
os pavões pelos jardins antigos.)
Entre reposteiros e cortinas, mansamente,
mal se ouve o riacho entre as pedras.*

Balearam o homem em frente da nossa
[janela.
A faxineira estava limpando os vidros
[e assistiu.
Mas fui eu que vi a moça caindo
do quinto andar.
Parecia um boneco, nem pude acreditar que
[era gente,
o porteiro foi conferir.
O pior foi o barulho fofo
que fez no chão.

*Dormiremos em leito de plumas
após os vinhos claros em altos copos,
veludos corridos sobre todos os gestos.
E haverá fios de pérolas, sussurros e cílios baixos.
E quando se assopram as velas
a nudez é mais confiada
no leito alto de madeira escura.
Com todos os sonhos entranhados.*

Gritaram “pega ladrão” e ele ainda tentou
[fugir.
Mas deram muita porrada e levaram no
[camburão.
E tinha só dezessete anos.

XIV – ESCOLA DE MEDICINA – SALVADOR

Entre as ladeiras de pedra,
olhai o solar antigo:
o tempo escorreu seus dedos
por sobre o musgo dos muros,
colocou o seu casulo
nas órbitas das estátuas
cegas às asas futuras.
Pelas paredes das casas
traçou seu mapa de rugas,
olhai o solar e vede:
horas derrubando vigas,
horas trincando paredes,
pondo franjados de avencas
pelo bronze das estátuas,
entre tijolos e telhas;
trazendo a morte na vida
que explode por entre as pedras
nos leques das samambaias,
nas raízes de figueiras.
E chuvas pelas vidraças
baças de vento e poeira.
Rastejando nas ladeiras,

olhai a sombra dos homens,
olhai para nós e vede:
ficamos como as estátuas
cheios de limo por fora,
de líquens pelos cabelos,
e trazemos sobre os olhos
esse franjado de avencas,
essas flores entre os dedos.
Ficamos assim calados,
a chuva apagando os traços,
as pupilas desbotadas
gastas de dor e de tempo;
cheios de musgo por fora,
de morte e espanto por dentro.

XV – A CASA

E havia uma renda fina, muito fina,
onde foram se acumulando orvalho e espera.

E havia uma caixa de rendas
onde o pó foi pousando
e a cânfora brilhava.

E retratos antigos,
leques de madrepérola,
os trincos de bronze nas portas de sucupira.

Havia um muro coberto de hera
e entre a hera e a parede,
uma zona de reboco descascado
onde a sombra das horas escorria
numa conversa de formigas e raízes.

Havia a varanda.

Os lampiões criavam desenhos de luz
e a noite era o reinado das lagartixas
e do jasmineiro.

Havia janelas baixas,
vidraças de flores foscas,
réstias de sol dourando a poeira,
hora da sesta: domínio da papa-moscas,

das escalas no piano do vizinho
no oco do silêncio.

Havia árvores, lágrimas de resina sólida pelos
[troncos,

hora quente das cigarras,
tinas de samambaias. E pelas tardes baças
rolavam trovoadas cheirando a terra.

havia um quintal, um quarador, um tanque, um
[mamoeiro,

uma bacia de anil.

No lugar do edifício,

ai,

havia uma casa.

Parte II

I – NUMA NUVEM

E nos encontraremos numa nuvem
e discutiremos ciência e tecnologia
e direi as coisas mais inteligentes
para me amares e eu ser menina,
outra vez no colo do meu pai.

Quando nos encontrarmos numa nuvem
amar-nos-emos em technicolor
e trocaremos olhares intensos
e beijos aéreos.

Amar-nos-emos em matéria plástica
sem um fio de cabelo em desalinho,
sem sofrimento de mulher e filhos,
sem desdouro para marido.

Amar-nos-emos numa nuvem,
numa história circunscrita,
legenda cercada de muros
em castelo indevassável.

Em círculo fechado nos amaremos,
em tempos de outrora e depois.
Enquanto o hoje se esvai
perdido no medo do real.

II

Agora o poeta é autônomo.
Anda na Avenida Rio Branco,
atravessa a Galeria.
Gonçalves Dias, Ouvidor, Assembleia
são seu solo natural.
E conhece a Travessa do Ouvidor
e a Travessa da Conceição.
Agora o poeta trabalha
e fala FINEP, FIPEC, CNPq,
FUNDEP, FUNDEBE, SEJUR, AOB.
E anda na hora do almoço
pela cidade, com competência.

Em casa os manuscritos empilhados,
empoeirados, sobre a mesa.

Um mundo se abre para o poeta,
um mundo se fecha de manso.
O poeta transita no crepúsculo
entre duas realidades.

III

A tarde vai caindo sem que se perceba
nesse quarto sem janelas.
Enlouqueço devagar.

O aparelho de ar condicionado reforça o ruído,
as rosas fenecem exatas
suportando a própria existência,
enlouqueço lenta lenta.

Enquanto muda a política,
a única certeza são os lápis apontados,
furador, grampeador
e outras facilidades de escritório.
(Se acaba o apoio institucional,
imprescindível aumentar meu estoque de clips.)

O telefone toca distante
da minha redoma.
E com todos sou educada e falo gentil
conforme mamãe ensinou.
Escureço lenta lenta,
enlouqueço mansa mansa
como as rosas anoitecem.
Enquanto aguardo que tragam o ponto.

IV

Analisaremos os projetos
com todos os prazos estourados
graças a Deus.

O primeiro orçamento caducou,
o segundo orçamento caducou,
e até a aprovação da Diretoria,
a inflação vai abocanhando a última proposta.
Não importa que o projeto fosse superdimensionado

e a técnica, inexperiente.

A inflação corrigirá todos os excessos
graças a Deus.

“Devido às demoras impostas pela CACEX, os recursos foram insuficientes para importar o equipamento; pedimos autorização para remanejar o saldo dessa rubrica para pagamento de pessoal, cujos aumentos superaram de muito a previsão original.”

E vamos nos subdesenvolvendo
graças a Deus.

Toca o telefone e eu atendo.

Putá que pariu! Pois não é que falei “agilizar” e “viabilizar”?

V - COLEÇÃO

Maria tem muitas caixinhas.
Numa guarda raiva,
noutra guarda amor.
Na terceira, uns restos de bondade,
notícias de caridade cristã.
Quem abrir a quarta perceberá
resíduos de rubor facial
diante de galanteios,
e da quinta quase transbordam
reservas imensas de pancadaria.
Mas na caixa mais bonita,
toda forrada de cetim,
Maria guarda o dinheirinho
pra ir à matinê no domingo.

VI – VIDA LITERÁRIA

A poeta vai à costureira.
A poeta escolhe o vestido.
Importantes são os sapatos: devem ser de saltos
[altos,
cor de ameixa está na moda.
A poeta marca o cabeleireiro,
a poeta compra maquilagem.
A poeta estará uma boneca
na noite de autógrafos.
A poeta vai a debates,
a poeta distribui convites,
a poeta assina contrato
e exige a nota fiscal.
A poeta publicou um livro,
agora é profissional.
A poeta abraçou a vida literária.

E não tem um minuto para escrever um único
[verso.

IGARAPÉS

Tampouco dessa trama sutil de igarapés,

I – CARTÃO DE VISITA

Chegaste tarde para este acontecer
e te perdeste em evasivas.
Chegaste cedo demais para as promessas
que não puderam se cumprir.
E toda a vida foste sempre visitante
indecisa entre o ser e o assistir.

II

Decerto tive gestos azuis
porém tão poucos,
apenas para provar-lhes o gosto e a saudade.
Também pensei perfis, sorrisos
tão suaves,
que à sua volta tudo eram asas e perfume.
Um dia meus dedos se quebraram
e as mãos escorreram caladas-cinzentas.

III

Para Manoel Malaguti

Nada finda de tudo que acontece,
o sino que se tange sempre soa.
E se a luta impiedosa já se esquece,
se a lembrança do sangue empalidece,
uma trompa em surdina ainda ressoa.
O tempo não suprime, modifica
– caixa que amplia, distorce, destoa.

Tropel distante de longes caçadas,
matilha perseguindo Amor ferido.
Que se escondeu no mais fundo da mata,
de cautelas e astúcias revestido
e nunca mais foi puro e nu e ousado.

Os clarins das caçadas já não soam
da mesma maneira e aos mesmos ouvidos.
Como a luz que se quebra nas escadas,

como anjos e demônios se misturam
ao clarão que ilumina e transfigura,
ao longo das esquinas se quebraram,
ao bater em arestas desafinam
e a orquestra perversa se estrutura:
a gazela e o mastim acasalados,
perseguidor e presa se combinam,
timbres falsos se perdem, se procuram.
E fere o ar o riso ensanguentado,
o roxo dos clarins desfigurados.

IV – ERÓTICO

Teu sorriso vinha em ondas como o mar.
As casas desertas, as coisas quietas.
Teu sorriso vinha em ondas como o mar.
Gritos de pássaros, largas praias, tardes estivais.
Vinha em ondas e tudo tão quieto: o vento seco,
[a terra gretada.

Teu sorriso vinha em ondas como o mar,
depositava a meus pés estilhaços de madeira,
caramujos, a concha sonora do teu riso
vinha em ondas,
deixando as pernas molhadas de sal.
Teu sorriso vinha, vinha,
língua de salsugem,
e do mais fundo
trazia os sinais de um antigo naufrágio,
do mais fundo,
camarões dourados e cardumes.
Tua alegria despontava desse poço,
crescia, crescia,
iluminava cantos escuros,
alargava-se, alagava-me em maré.

E vinha desaguar no meu nome.

V – CANÇÃO

Agora o tempo está assim:
ventando por sobre os muros.
Dormia tão desarmada
e o vento chegou de manso
e se avizinhou do sono
trazendo um cheiro de chuva,

cheiro de chuva e jasmim.

(Era uma noite sem fim,
meu desejo por você
buscava longe, no escuro
por entre poças e luas,
o teu desejo por mim.)

O vento mudou de rumo,
espalhou no céu as nuvens,
varreu para longe a chuva,

varreu a chuva e as estrelas
brancas no chão do jardim.

(E pelos dias sem fim
minha sede de você
aberta em flores vermelhas
inda busca no deserto
a tua sede de mim.)

VI

Tive tudo. Só teu amor ficou num poço.
Agora afloram os rubis que não ousei outrora.
Do fundo do poço
sobe um bando de pássaros
e escurece o céu num palpitar de asas.
Tive tudo.
Mas tudo ficou sufocado
em cem gargantas,
comprimido ponto azul
empacotado em nuvens cinzentas.
E eis que o azul se liberta, expande e amplia.
E que céus dentro do peito me trazes de outrora
junto com o perfume de todas as frutas dos
[quintais!

Amava-se escasso
pelo muito que se amava.
E essa carga de segredo ressentido
passou por todos esses anos,
carta fechada embaixo do nevoeiro,

abelha esmagada no calcanhar.
Agora se derrama em cascata.

Tudo liso, tudo perfeitamente contínuo e liso.
Tocaste com sábias antenas
e junto à única aresta
descobriste a falha, o ponto ferido
por onde penetrar tuas hostes. As sentinelas
[dormiam.

Tomaste a praça de guerra sem um ruído.
De noite, só se percebeu o pulsar da brasa de um
[cigarro,

talvez um breve sussurro
enquanto o vento morno alisava as folhas.
Na noite íntima, saleta,
a rua se estreitava, as casas aconchegadas entre
[as árvores bocejavam.

E quem adivinharia
tantos olhos cintilando na treva?

(A madrugada aproximada e tímida,
os corpos se mexendo no calor.
Pernas pesadas de varizes buscam velhos
[chinelos,
se arrastam estremunhadas
enquanto sobe o primeiro fio de fumo
junto com o primeiro gole de café.)

Tive tudo, tudo, tudo
embora contraído em nada.
As sentinelas dormiam

e agora que acordei
todos os postos estão tomados.
Sustento essa carga de amor nas mãos molhadas
que não sei a quem destino.
E me quedo confundida na penumbra.

VII

E há mulheres eficientes
que sabem onde estudarão os filhos
desde o dia do nascimento.

E combinam amarelo e verde com perfeição
– ó pátria amada idolatrada, salve, salve –
ao decorar a casa.

Há dessas mulheres pragmáticas
que dizem que o casamento não se faz de paixão
e arrumam as fraldas do bebê
em pilhas que jamais desmoronam.

E no entanto há tanto amor
que ele escorre das pedras,
enche os rios de peixes
e minhas mãos de dádivas inúteis.

VIII

Se eu me escondesse atrás do nevoeiro
não me acharias nunca mais,
se eu me escondesse atrás da névoa.

Além da neblina
dos gestos contidos.

Olhos, boca, nariz
não dizem nada.

E as mãos ficaram boiando no vazio
modelando esse gesto que nunca veio,
esse carinho jamais consumado.

Com a noite enrolada nos ombros
andarei de porta em porta
mendigando o gesto impossível.

IX

O coreto boiava sobre a praça
muito alto boiava na praça
na luz mágica da praça.
Fomos e voltamos sobre os nossos passos
desenrolando essa meada de desejos e de dores.
E havia bancos vazios
agachados na penumbra
estranhos como estátuas.

O coreto boiava
muito leve boiava
fantástico e vazio,
as grades de serralheria navalhando o céu.
E havia uns bancos alheios
no escuro.
E a praça deserta.

Fomos e voltamos.
Andamos séculos dentro da noite

como dentro de um fruto.
E das ruas percorridas
– desse labirinto de ternuras e pavores –
fomos fazendo um mapa:
galeria perfurada na polpa
dos nossos corações
escuros.

X

E era assim tua voz: como dezenas de pássaros
[acordados.
E eram assim teus olhos: sombras afogadas em
[fim de tarde,
tua ausência: saudade de mar dentro dos búzios.
E era assim a ternura: fina como a brisa nas
[dunas,
azul como um perfil.
E era assim tua boca: pequena e macia,
teu corpo ardente de longas areias
mas também brando como a chuva nos lábios.

Pelo vidro do ônibus escorriam as águas,
toda a mágoa do alto descia
pelo cinzento dos vidros.
E minha face foi ficando molhada,
molhados o queixo e os dedos.
Esqueci teu rosto no meio do caminho,
há muitos anos esqueci teu rosto entre as pedras.
Mas tua voz continuou vibrando no vazio

e a boca ficou boiando nas nuvens.
Deixa-me estar assim nua e acuada,
sem braços, sem pernas, sem boca.
(Só meus olhos ficaram pregados na calçada
te buscando de dentro de todas as poças.)
Deixa-me só, modelada e absoluta
na surdez, na cegueira, na mudez
do feroz labirinto do querer.

XI

Escuro poço de sombras,
um poço de sangue e lágrimas
onde os metais se corrompem,
onde todo leite talha
e peixes deitam raízes.

Trabalharei em silêncio
e jantarei meu orgulho
de mulher independente.
Jamais me separarei;
talvez sonhe com romances
de donzela apaixonada
pelas madrugadas pálidas.

Escuro poço de sombras,
de dentes, soluços, unhas.
Peixes reluzem fosfóreos
num mar de saliva e fezes.

Mastigarei meu orgulho,
engolirei toda a gosma
que se forma nas feridas
enquanto de noite velo.

Enquanto de madrugada
pelo céu lavado e tímido
uma tinta de açucena
promete o dia formoso
e mil cigarras explodem.

XII

E havia em nós tanto riso
na tarde antiga de inverno.
Sonhávamos que éramos felizes
e éramos felizes de assim sonhar.
O salgueiro reclinado sobre o lago
foi visão fugaz de uma paisagem
não sei se futura, não sei se passada.
Pensávamos idílicos caminhos
e víamos o amor dentro das íris.
E a grande pedra maciça
onde ondas e sonhos se estilhaçaram
rodeada de espumas e de pássaros.
E havia em nós tanto riso
nas tardes antigas,
tanto riso rodeado de vento
e de mortes por morrer.

XIII – FANTASIA TRISTE

Vinhas de maio,
de quando madrugam as rosas.
A lua andava em talhada fina
pelas vidraças azuis.
E nuvens andaram fiando a lenda
de vires montado em corcel.

Vieste, depois, de outubro.
De quando anoitecem as rosas.
Amadureciam já outras luas
e apodreciam estrelas.

Jogaste a cinza do cigarro no chão,
pedimos a conta do restaurante
e mergulhamos outra vez na noite.

XIV – FANTASIA RENOVADA

Te acalento como ideia junto ao peito.
Te abraço, teoria de efeitos eróticos.
Estreito ao peito uma construção pretérita
encalhada no corpo.
O enorme navio apita as sirenes
e todos os náufragos já deixaram o barco.
O sonho faz água, faz água,
o grande balão vai murchando, silva e apita,
um outro balão se infla e prepara para a largada.
Ah, vai sair o enorme trem da memória...
És um sonho perdido enchendo a noite,
te abraço como se abraça uma criança morta.

XV – JOGO

E agora estamos de costas
qual figuras de baralho,
seguro na mão um ramo
como uma dama de espadas.

Nossos projetos se foram,
leves castelos de cartas,
os sonhos estão vazios,
a vida é só geometria
como em desenhos de cartas.

Teu rosto aparece hoje
de perfil, bem recortado.
No coração – ás de copas –
fincaram-se sete espadas.

Pelos céus andam correndo
luas e astros prateados,

sobre o pano de lã verde
as mãos distribuem cartas,
os dedos fazem apostas,
os olhos fitam calados.

O meu Rei já vai distante,
de perfil, rosto virado.
A dama segura um ramo,
do valete, acompanhada,
olhamos lados diversos
qual figuras de baralho.
Nos altos azuis tranquilos,
outras mãos vão dando as cartas.

XVI – CIRCO

A lona do meu circo era furada,
minhas estrelas de papel de prata
com o tempo empoeiraram.

Com tanto empenho eu ensaiava o número
mas quase sempre me enganei de máscara,
no mais das vezes me enganei de dores,
no mais das vezes confundi meus passos
e por um nada andei de lança em riste.

E agora quando olho nos teus olhos
a vida é um carrossel de luzes tristes.

XVII – DECISÃO

E abandonamos o sonho,
mãos vazias, olhos densos.
Abandonamos o sonho,
companheiro solidário,
implacável carcereiro.
E o jogo dos pensamentos,
rede de enganos lançada
em mar de grandes silêncios.

XVIII

E aqui estamos novamente.
Recém-paridos e cegos.
Diante da vida como de uma parede sem porta.

O amor não nos disse nada.
Levou-nos pelos seus caminhos
mas quando procuramos ouvi-lo
encontramo-lo mudo, de olhos fechados.
Procuramo-lo como resposta
e ele apresentou-nos sua face de pergunta.
Cabia a nós, ai de nós, responder.

E aqui estamos diante da vida
como num quarto escuro e alheio.
Acordamos de repente – hóspedes por uma noite
[em meio à estrada –
esquecidos de onde é a porta – faz frio –
e precisamos, novamente, como no começo,
tatear.

XIX – AS PALAVRAS

Onde ficaram as palavras
que desataram meus pulsos?
Andam pelas paredes, pelo teto,
escorreram simplesmente para o chão
sem deixar rastro?

Onde ficaram as palavras
transparentes, quase um sopro,
as poderosas suavíssimas palavras
que um dia amarraram meus gestos?

Se hoje certamente somos outros?

XX – CANTIGA DE AMOR

para Gabriel

A mesma mão que feriu, agora traz a bandagem.
Silêncio: atrás da névoa, dormem ainda florestas.
Não temos mais vinte anos.
E não sei se jamais deixaremos o traçado asfalto
para nos aventurarmos em musgo.
E sorver o fino aroma dos talos.
Dormem ainda florestas
atrás da névoa; silêncio. Não te movas.
Olha para cima: a dançarina
passa leve alheia sobre o fio esticado.
Não grites.
Longe, muito longe
a menina de vestido de organdi
toca ainda piano para as visitas.
Como um pequeno pássaro acorrentado.
Não grites.
Contemplemos juntos as florestas adormecidas.
Sim, não temos mais vinte anos.
Aceita pois a bandagem
da mão que feriu.

OLHO D'ÁGUA

*do olho d'água brotando entre as pedras
no bosque umbroso, além do espinheiro.*

I

A tarde era toda azul.
Com agulha e linha pensei
em pregar os botões caídos,
fazer uma colcha de retalhos coloridos,
e mergulhei a concha na panela
para provar, no molho,
as especiarias.
Mas ai,
a tarde era toda azul!
As montanhas recortavam-se exatas
e sobre a minha cabeça
o céu era redondo e liso.
Com agulha e linha,
com tesoura, agulha e linha, tentei
reunir os farrapos dispersos.
Com lápis e papel procurei
copiar o desenho da vida,
escrever o nome de cada coisa
e compreender
o que devia ser aspirado – perfume.
Já a carne queimara na panela e me quedei
estática
diante da janela.

E quando os morros embaçaram nas bandas do
[norte

seria a chuva que vinha chegando,
seria o vento
tangendo a sombra da noite,
ou essas duas pequeninas lágrimas
que molharam meus dedos?

II – COLHEITA

As palavras me procuram de manhã,
quando a hora impõe seu ritmo diurno.

As palavras me procuram,
escorregam e escapam.

As palavras me procuram no correr do dia,
no passar dos sinais de tráfego.

As palavras me procuram,
se atropelam e se esquecem.

As palavras me procuram ao entardecer,
na hora mágica em que o crepúsculo encanta a

[lagoa,

quando cupins de seda e cristal
giram em torno de lâmpadas
e os mistérios da vida se renovam.

Quando chegam signos e prenúncios.

As palavras me procuram à noite,
enquanto os homens dormem e as rosas se abrem.

Só então posso ouvi-las.

E deixo que fluam num murmúrio

ao remanso que conhecemos.

Onde nos falamos por sinais, por graves gestos
em mútua e muda aquiescência.

E colho-as no côncavo da mão, jóias ou sementes,
onde ficam a cintilar.

III – O VERDADEIRO TRABALHO

Foi minha herança contar grãos de areia,
recebi por quinhão pesar espuma.
E me perdi cantando em dourado silêncio.

E se hoje apresento relatório,
esse entrelaçado de números e dizeres,
os mestres lêem, concentrados no relato,
nessa trama de códigos e cifras.
E celebra-se a vitória dos nomes sobre o mar,
uma vitória de algarismos sobre a areia.

Só eu sei que cantava em dourado silêncio.

IV – MATÉRIA-PRIMA

A minha matéria não é o cobre,
não é a prata, o ouro,
não é mesmo o azul.

Minha matéria é a palavra
apenas onde é iluminada pela palavra
deixando entrever o sonho.

E o sonho, por trás do sonho, de olhos cerrados.
É a palavra recortada no silêncio,
abrindo um halo no silêncio à volta,
inteiro e sem adjetivo.

V

Essas figuras nas cavernas de Altamira,
esses animais reinventados,
não são eles que, próximos embora,
nos separam do animal?
E essa adoração dos mortos e do raio,
fruto e bálsamo da angústia,
ela-mesma ainda ânsia,
e a palavra
essa libertadora,
maldição e dom
que possibilita e obriga a nomear,
quando diante da vida e dos nossos pensamentos
[da vida
– como de um espelho –
nos pensamos?
Quando, crianças diante das coisas,
queremos quebrá-las
para conhecer-lhes o mecanismo?
E analisá-las parte a parte?
Então dizemos: casa, colher, mesa, cadeira.
E por um momento, nomeadas,

as coisas se quedam,
reinventadas e quietas.
E crescemos sobre elas,
organizamos o caos.
E não é preciso mais pensar nem compreender.
O nome é tudo: poder e perfume.

Já agora, por esses códigos, por esse rito,
poderemos conjurar e exorcizar as coisas
quando quisermos
até a próxima maré.
Pois, lenta, se forma dentro de nós
a onda.
Lentas as coisas se inclinam sobre nós.
E de novo e de novo,
quando crescer a estranheza,
a ameaça de sermos vividos,
precisaremos repetir as conjurações e exorcismos
e experimentar o domínio.
E, sonâmbulos, alisar a madeira do armário,
e arrumar os objetos em outra posição
e acender o fogo e moldar o barro.
E escrever mais um poema.

Mas não te enganes, poeta,
que este outro, este novo poema que te agrada
é repetidamente, sempre o mesmo e o mesmo
[poema

para te assegurar,
para, em oposição às coisas,
provar que és.
Projeção tua que te ajudará a ficar de pé.
Como essa escora por trás do porta-retratos.

Já agora, assegurados,
vencida a saudade dos laços pobres
que nos faziam tão menos que um eu
(mas que não queríamos, não queríamos jamais
[cortar,
e quantas saudades embalamos: do bosque, do
[ventre, do seio, das seduções primeiras,
quantos perdidos jardins!]
já agora, sozinhos sobre as duas pernas,
somos.
E indecisos, ensaiamos esses outros laços
do rito, do amor, da arte,
ensaiamos, obscuros, um novo eu
– caminho.

ÍNDICE

Nota da Editora,	vii
Nosso Mitavaí entrevista Lucia Fonseca,	xi
Assinatura,	xv

OCEANOS

I – <i>Um último corpo vem dar à praia,</i>	3
II – <i>Pelos olhos da noite,</i>	4
III – <i>O vento soprava, soprava,</i>	6
IV – <i>A noite se dilatava e abraçava o mar,</i>	7
V – <i>No verde dos teus olhos abertos,</i>	8
VI – <i>A noite vai tão fechada,</i>	9
VII – <i>É tão de noite, cai a bruma,</i>	10
VIII – <i>Retrato em moldura oval,</i>	11
IX – <i>Eis a chave,</i>	12
X – <i>Paisagens,</i>	14
XI – <i>Noturno,</i>	15
XII – <i>Na esquina da Noite com o Dia,</i>	17

AS TERRAS

Parte I

I – Lagoa Rodrigo de Freitas,	23
II – Figo,	24
III – Cabernet,	25
IV – Vallium 5,	27
V – Tecnologia,	28
VI – Declaração de renda,	29
VII – Cotidiano lírico,	30
VIII – Dia seguinte,	31
IX – Separação,	32
X – Sempre,	33
XI – Psicanálise,	34
XII – Século XX,	35
XIII – Poema entrelaçado,	37
XIV – Escola de Medicina – Salvador,	40
XV – A casa,	42

Parte II

- I – Numa nuvem, 47
II – *Agora o poeta é autônomo*, 49
III – *A tarde vai caindo sem que se perceba*, 50
IV – *Analisaremos os projetos*, 51
V – Coleção, 52
VI – Vida literária, 53

IGARAPÉS

- I – Cartão de visita, 57
II – *Decerto tive gestos azuis*, 58
III – *Nada finda de tudo que acontece*, 59
IV – Erótico, 61
V – Canção, 62
VI – *Tive tudo. Só teu amor ficou num poço*, 64
VII – *E há mulheres eficientes*, 67
VIII – *Se eu me escondesse atrás do nevoeiro*, 68
IX – *O coreto boiava sobre a praça*, 69
X – *E era assim tua voz: como dezenas de pássaros acordados*, 71
XI – *Escuro poço de sombras*, 73
XII – *E havia em nós tanto riso*, 75
XIII – Fantasia triste, 76
XIV – Fantasia renovada, 77
XV – Jogo, 78
XVI – Circo, 80
XVII – Decisão, 81
XVIII – *E aqui estamos novamente*, 82
XIX – As palavras, 83
XX – Cantigas de amor, 84

OLHO D'ÁGUA

- I – *A tarde era toda azul*, 87
II – Colheita, 89
III – O verdadeiro trabalho, 91
IV – Matéria-prima, 92
V – *Essas figuras nas cavernas de Altamira*, 93

Este livro foi composto e impresso
pela LINOTIPIA CORDEIRO (Rua Leôncio
de Albuquerque, 34 – Saúde, RJ) para a
EDITORA MITAVAIÍ (Rua da Matriz, 89
Botafogo – Rio de Janeiro, RJ), em
dezembro de 1985

Mitavaí – O Brasil que se espera, com os novos tempos que se supõe estejam chegando. Fale um pouco sobre isso.

Lucia – Espero tempos melhores, mas não tenho ilusões quanto a mudanças muito rápidas. Um certo florescimento imediato é até provável, como o de um campo seco após a primeira chuva. Brotam as sementes que estavam à flor da terra, aguardando um mínimo de condições. Mas as que morreram, as que o vento levou para longe? Construir é sempre mais demorado que destruir.

(Trecho da entrevista)

MITAVAÍ SUGERE

LEIA TAMBÉM ESTES IMPORTANTES

LANÇAMENTOS NOSSOS:

- *Mesa de trabalho* – poesia – Eridan Passos
- *Contos assim* – contos – Rodolfo Rezende
- *Os lábios brancos do medo* – poesia – Helena Jobim
- *Fitas e arames* – ficção intimista – Nélida Moreno
- *Helena do Borel* – romance – Clair de Mattos Santos
- *Cantos e balada* – poesia – Lucia Aizim
- *Território de sonho* – Lygia Malaguti
- *Antologia Mitavaí* – poesia e prosa – vários autores

**Livraria Mitavaí: Rua da Matriz, 89 (Botafogo)
Rio de Janeiro – RJ – CEP 22.260
Tel (021) 246-7211**